



PERNAMBUCO

Escola da Terra: agroecologia, resistência camponesa e esperança que brota no chão da Mata Norte de Pernambuco

A comunidade Padre Tiago, formada por cerca de 50 famílias camponesas posseiras, há muitas décadas alimenta o sonho da terra partilhada. Embora vivam na localidade há gerações, o direito à terra ainda não foi reconhecido nem efetivado pelo Estado brasileiro, o que fez com que, ao longo da história, enfrentassem muitos momentos difíceis, marcados por violência e ameaças de despejo. Desde 2011, a Comissão Pastoral da Terra acompanha de perto essa luta. A área continua vinculada à antiga Usina Bulhões, que impôs sobre a terra e sobre o povo da localidade o devastador monocultivo da cana-de-açúcar. Foi nesse solo castigado pelo latifúndio açucareiro, de um lado, e fértil de resistência e esperança camponesa, do outro, que nasceu há cerca de um ano a “Escola da Terra”.

A Escola que nasce da Terra - O objetivo da Escola da Terra é ser um espaço de formação que articule organização comunitária, leitura crítica



da realidade e práticas agroecológicas e agroflorestais realizadas a partir do compartilhamento dos saberes camponeses e tradicionais. Ela não tem muros, e a sala de aula é o próprio chão onde se cultiva alimento. A proposta da Escola é, por isso, formar a partir da terra, tendo como centralidade metodológica a partilha do conhecimento entre as famílias, e também entre as famílias e a própria terra. Idealizada pela equipe da CPT Mata Norte, a Escola

nasceu como resposta concreta aos múltiplos desafios enfrentados pela comunidade: a necessidade de ampliar a produção agroecológica com estratégias coletivas, a resistência na terra e pela terra, o cuidado com a Casa Comum e a organização produtiva comunitária em contraposição ao modelo violento e predador do agronegócio.

Tudo começou com a necessidade de diagnosticar e escutar as famílias sobre suas práticas e conhecimentos na produção agroecológica local: como cada uma lidava com os desafios, quais soluções encontravam e de que forma enfrentavam os problemas. Esse levantamento foi feito de forma compartilhada, por meio da metodologia “família camponesa – família camponesa”. A ideia era animar a troca de soluções encontradas pelos camponeses e camponesas para os problemas e desafios vividos. Esse processo de partilha foi seguido de um aprofundamento do olhar e da observação da natureza. Nesses momentos, foram feitas caminhadas para observar áreas degra-



dadas, áreas de retomada da floresta e trechos preservados da Mata Atlântica na comunidade, com o intuito de comparar e entender melhor o comportamento da natureza e alguns princípios que regem a floresta. Essa escuta da terra, da mata e da natureza sempre vinha acompanhada de discussões sobre os fundamentos da agrofloresta e da agricultura sintrópica.

O passo seguinte foi a construção coletiva de uma área experimental, o Sistema Agroflorestal Comunitário. Para que pudesse ser implantado, houve muito planejamento: elaboração de croquis, reuniões, mutirões, divisão de tarefas, avaliações, ajustes, preparo do solo, marcação das linhas de serviço e das ruas, roçadas e leiroamento do capim, entre várias outras ações. Ali, homens e mulheres da comunidade trabalharam coletivamente para fazer florescer um SAF com mais de 40 espécies diferentes de plantas e sementes, incluindo frutíferas, arbóreas, hortaliças e culturas anuais, como macaxeira, arroz, feijão e milho. Também foram realizados plantios experimentais de batata-doce biofortificada cedida pelo IFPE, milho crioulo e arroz de sequeiro. Uma verdadeira “sala de aula”.

“A Escola da Terra para mim é um grande aprendizado, foi algo novo que construímos juntos. Alguns companheiros e companheiras da comunidade não tinham muito estímulo para a produção agroecológica. A partir da Escola da Terra, muitos agricultores e agricultoras já estão replicando em suas roças o que praticamos aqui. Não



é bom só para mim e para a minha comunidade, mas também para outras comunidades que podem conhecer e aderir a essa experiência. Queremos avançar, crescer e mostrar que é possível produzir nesse sistema”, afirma o camponês Maurício Silva. “Que a gente possa ter mais Escolas da Terra por aí”, conclui. O camponês Jadson de França também pensa o mesmo: “está sendo muito importante o modo de trabalhar e respeitar a terra. Aos poucos estou colocando em prática no meu sítio”.

Colhendo frutos e espalhando sementes - Um ano após o primeiro plantio, os resultados começaram a aparecer. A macaxeira cultivada no SAF já virou farinha, feita na casa de farinha da própria comunidade e gerando mais renda para as famílias. Além disso, foi organizado um banco de sementes crioulas com arroz, milho e plantas adubadoras, como feijão-deporco, guandu, crotalária e mamona.

Mas os frutos vão além da produção. A experiência da Escola da Terra já começou a se espalhar para outras comunidades camponesas da Zona da Mata Sul e da Mata Norte, como Canoinha (Tamandaré) e São Bento (Itambé), todas marcadas por conflitos agrários e pela luta pela permanência na terra.

O agricultor Edvaldo Félix de Lima comenta que um dos principais desafios é conquistar mais e mais pessoas para a produção agroecológica, desde o cultivo até a comercialização. Edvaldo toca num ponto muito importante: é preciso superar as barreiras impostas pelo monocultivo sucroalcooleiro, esse modelo de produção que durante séculos manchou de sangue, suor e devastação a região e tentou sufocar outras formas de produção camponesa.

Por isso, a Escola da Terra vai além de uma experiência formativa em agroecologia. Ela é uma resposta concreta à lógica perversa do latifúndio açucareiro e do agronegócio, que buscam afastar o campesinato de sua relação profunda com a terra e subjogá-los com veneno, concentração de terras, destruição, injustiça e desigualdade social. A Escola da Terra é onde o saber camponês resiste, onde a voz da terra encontra eco, onde são dados passos coletivos rumo à construção de um outro modelo de produção, de sociedade e de vida.



REVISTA
ALVORADA

Publicação da Comissão Pastoral da Terra Nordeste 2
Endereço: Rua Esperanto, 490 - Ilha do Leite, Recife, Pernambuco CEP: 50070-390 | **Fone:** (81) 3231-4445 /
Redes sociais: @cptne2 Site: cptne2.org.br
E-mail: comunicacao@cptne2.org.br

Conselho editorial
Dênis Venceslau
José Carlos Lima
Lara Tapety
Nilton Júnior
Renata Albuquerque
Vanúbia Martins

Edição: Setor de comunicação CPT NE2
Créditos: Renata Albuquerque e Carlos Felix
Jornalistas responsáveis: Lara Tapety (Reg. Prof. 0001340/AL) / Renata Albuquerque (Reg. Prof. 0007209/PE)

APOIO

MISEREOR
DAS HILFSWERK

HORIZONT
3000